

Ano 4 | nº 5 | Maio de 2026 | ISSN 2965-6389

Boletim Agrônômico



Editores

Editor chefe

Prof. Dr. André Luis Vian

Editores assistentes

Felipe Baudini da Silva

Gabriela Lima Leal

Teresa Enderle

Thiago dos Santos Cocco

Estudantes de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Mensagem ao leitor

Nesta edição do Boletim Agrônômico, você lerá um artigo que trata sobre a safra de inverno 2026. Em seguida, você encontrará os índices NESPro, um artigo sobre os pesos-alvo na recria e por fim o avanço da safra agrícola 2025/2026

A equipe do Agro extensão deseja a você uma boa leitura!



Siga nossas Redes Sociais



Instagram

@agroextensaoufrgs



LinkedIn

Agro Extensão



WhatsApp

Canal Agro Extensão



Youtube

@agroextensaoufrgs



Spotify

Agro extensão



Tiktok

Agro extensão



Novas publicações toda semana!

Cortes no reels
Safrá 2026
Clima

Escaneie o Qr code e acesse nosso site!



Conteúdo

Safra de inverno 2026: Entre desafios e aprendizados

João Leonardo Fernandes Pires

Gilberto Rocca da Cunha &

Aldemir Pasinato

Pg 5

Mercado de bovinos de corte ganha força em maio no Rio Grande do Sul

Mariana Diniz, Helena Fagundes, Pedro

Lacoix, Mariana Ança & Júlio Barcellos

Pg 14

Pesos-alvo na recria

Leonardo Saafeld & Júlio Barcellos

Pg 17

Levantamento de Safra 2025/2026

Felipe Baudini da Silva

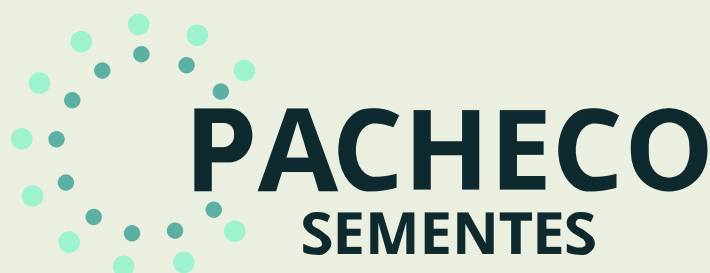
Pg 23

Nossos parceiros

Apoio



Patrocínio



Seja um
de nossos
patrocinadores!





PACHECO

SEMENTES

Especialista em cultivares de grandes culturas

A **Pacheco Sementes** é referência em sementes de alta qualidade. Somos especialistas em sementes de soja, milho e forrageiras certificadas!

A nossa missão é garantir produtividade, segurança e confiança para o produtor. Genética superior para colheitas de sucesso!



Acesse nosso
perfil do Instagram



Portifólio
de produtos

Safra de inverno 2026:

Entre desafios e aprendizados

João Leonardo Fernandes Pires¹, Gilberto Rocca da Cunha¹ e Aldemir Pasinato²

¹Pesquisador da Embrapa Trigo, Passo Fundo, RS ; ²Analista da Embrapa Trigo.

El Niño vem aí, insistem os veículos de comunicação. E agora? O que fazer? Indagam-se os produtores rurais e os assistentes técnicos, no momento que se avizinha a safra de inverno no sul do Brasil. E a tomada de decisão de como conduzir as lavouras não pode mais ser procrastinada. Entenda como o clima pode impactar os cultivos de inverno nessa safra, a partir do exemplo do trigo, e quais as melhores estratégias de manejo para contornar as condições ambientais que, em tese, dependendo ainda da intensidade do El Niño e de quando ele, de fato, vai se configurar, podem não ser as melhores.

As lições deixadas pelos eventos El Niño Oscilação Sul (ENOS) passados, nesse caso, não podem ser ignoradas, devendo, especialmente, no que diz respeito a lidar com adversidades, serem usadas para manter estado de atenção e vigilância sobre obstáculos que porventura possam surgir durante a estação de crescimento dos cultivos nessa safra de inverno.

A situação ora posta, pela interferência humana consciente, pode ser modificada, pois não deve, nunca, ser assumida como definitiva. Que estejamos preparados! Depois de 43 anos de convivência (desde o El Niño de 1982/83), conscientes pelo menos, com a variabilidade climática associada às fases (El Niño e La Niña) do fenômeno ENOS, não nos cabe mais alegar surpresas, ainda que não dissociadas de incertezas, do que podemos esperar, em termos de variabilidade climática extrema no sul do Brasil, em anos de La Niña e em anos de El Niño.

A safra de inverno 2026, conforme vários fatores indicam, vai ser uma safra desafiadora na Região Sul do Brasil. Frustrações de

safras de verão em várias regiões, capacidade reduzida de investimento por parte dos produtores rurais, elevação dos custos de produção em função de questões geopolíticas e a sinalização da volta de El Niño, indicam uma safra de inverno que merece atenção além da usual. Entretanto, se, por um lado, o cenário é difícil, as informações e tecnologias disponíveis, quando bem-utilizadas, podem permitir atravessar esse rio turbulento com os menores danos possíveis. Portanto, para aqueles que tem a tradição de cultivar os campos na safra de inverno, independente da espécie utilizada e da condição do ano, deixamos algumas reflexões e informações para auxiliar no processo de tomada de decisão.

O aprendizado obtido em outras safras similares deve ser resgatado para nortear as decisões no que diz respeito à formação das lavouras em 2026. Nesse sentido, é importante revisar dados de desempenho do trigo em safras marcadas pelo evento El Niño, como as safras de 2015 e 2023, que, apesar da magnitude ainda incerta para o evento de 2026, podem ser úteis.

Os anos de El Niño são caracterizados por aumento da média de temperaturas e da precipitação pluvial na estação de inverno/primavera. Essas mudanças impactam, negativamente, na oferta ambiental para produção de trigo, configurando um ambiente menos propício para a obtenção de rendimentos elevados, não obstante sejam observadas diferenças regionais importantes. Na Figura 1, ficam evidenciadas essas diferenças, por meio do indicador denominado quociente fototermal, que representa relação entre a disponibilidade de radiação solar e a temperatura do ar, indicando situações mais ou menos propícias

para a expressão do potencial de rendimento desse cereal. Quanto maior o valor do quociente fototermal, especialmente nos períodos críticos para definição do potencial produtivo do trigo, maior será a chance de obtenção de rendimentos elevados. A probabilidade de ocorrência desse cenário é maior em anos de La Niña do que de El Niño. Portanto, em anos de El Niño a safra, probabilisticamente, inicia com perspectivas de rendimento abaixo do máximo histórico obtido. O que ocorreu, na safra 2023, em algumas situações, indica a importância do entendimento das variações entre esses dois eventos extremos, El Niño e

La Niña, e da importância de se observar as projeções das fases do fenômeno El Niño Oscilação Sul antes de cada safra. Ao final de 2023, não foram poucos os relatos de produtores que se frustraram com os resultados obtidos nas lavouras de inverno, pois investiram para quebrar recordes de rendimento, com base nos resultados da safra histórica de 2022, sem levar em consideração as previsões para a safra de 2023, que indicavam, com antecedência, a ocorrência de El Niño. Na Figura 2 é possível verificar o rendimento de grãos das áreas comerciais do RS e da Região Sul do Brasil em anos com influência dos eventos ENOS.

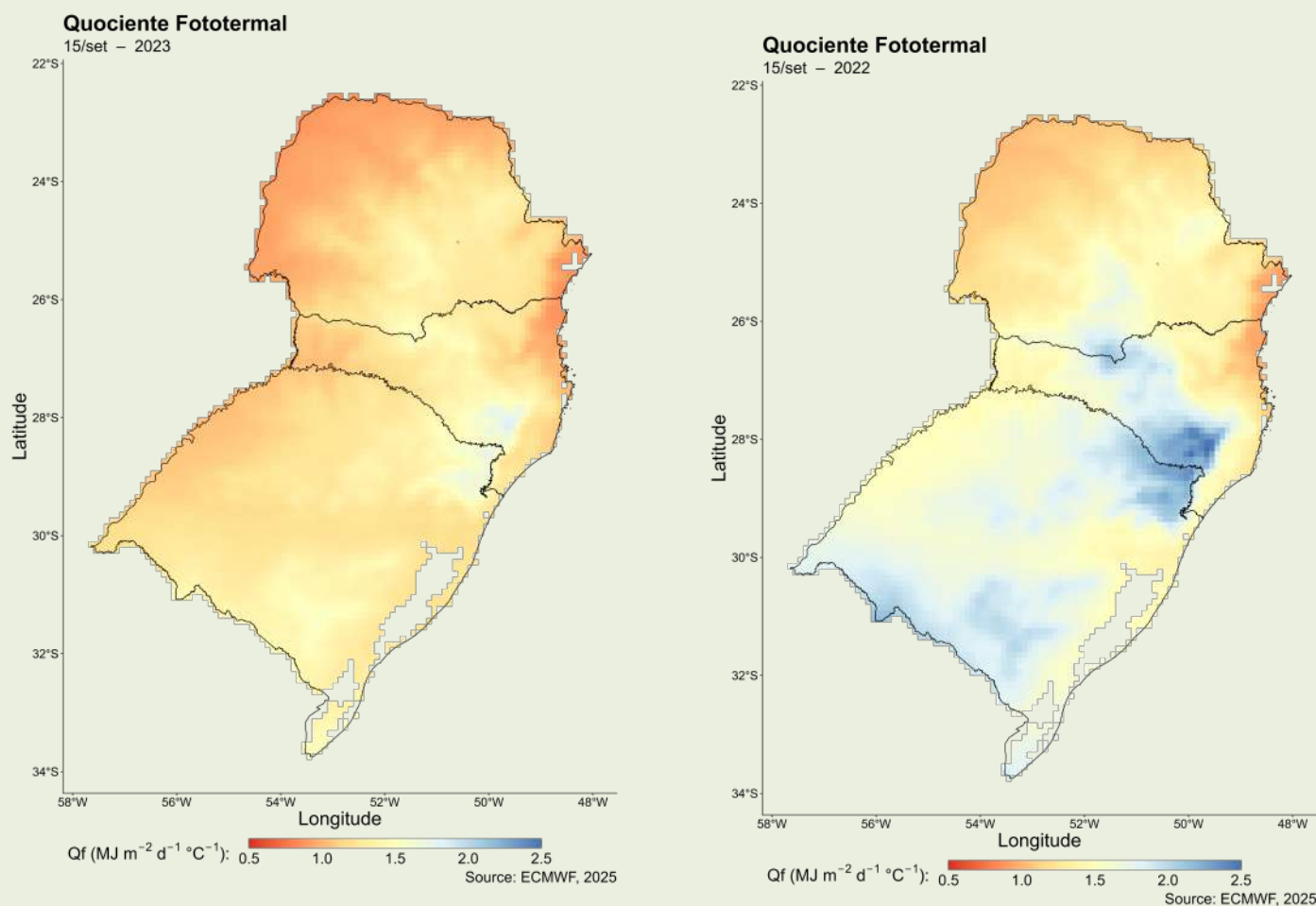


Figura 1. Quociente fototermal ($Qf_{30\text{dias}}$), 15 de agosto-15 de setembro, no Sul do Brasil, em anos de extremos de oferta ambiental (2022 - elevada X 2023 - baixa).

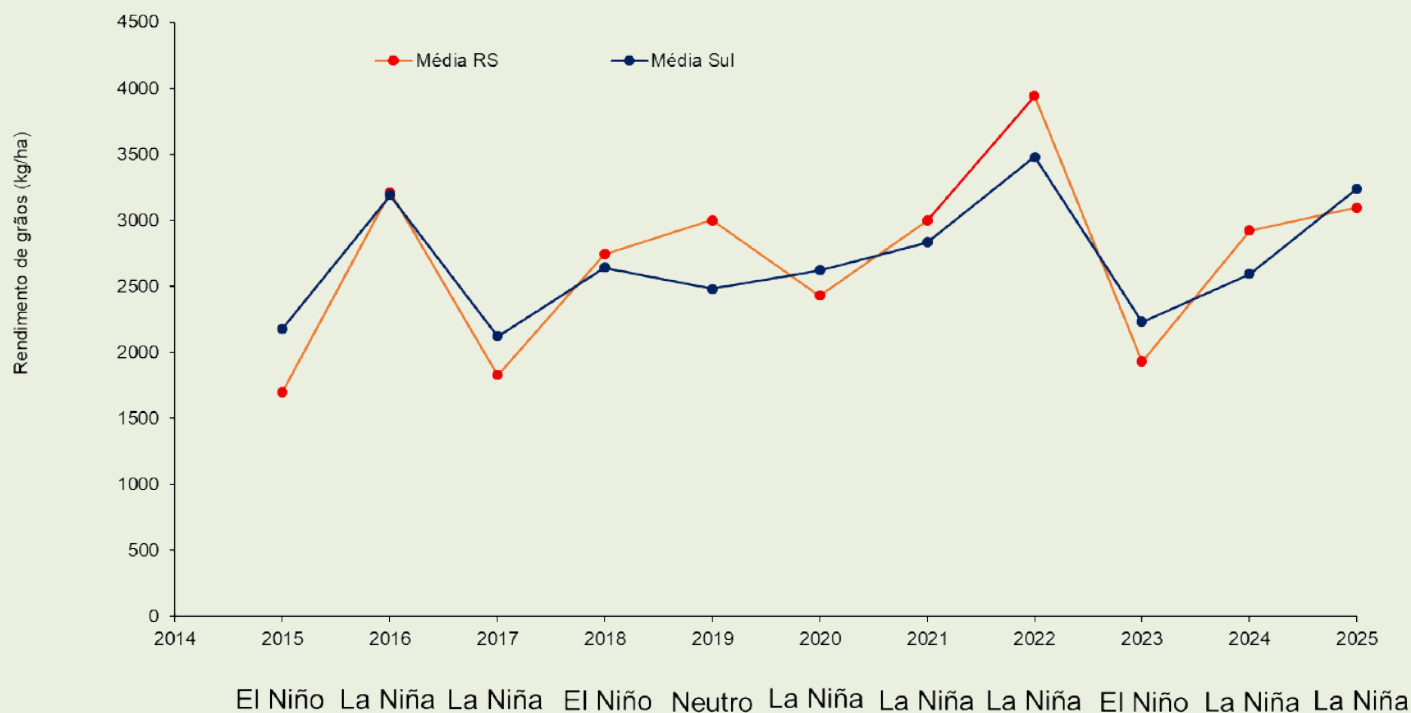


Figura 2. Rendimento de grãos de trigo no RS e no Sul do Brasil em anos de La Niña, Neutros e El Niño. Fonte: adaptado de Conab (2026).

Além do potencial produtivo, características de qualidade tecnológica do trigo também podem ser impactadas em anos de El Niño. Por exemplo, podem ocorrer maiores oscilações de qualidade em regiões mais vulneráveis, com a maior parte dos indicadores sendo afetados negativamente.

O enfrentamento ao cenário desafiador que se desenha deve ser feito com planejamento específico, utilizando ferramentas de informação, que englobem genética das cultivares e boas práticas de manejo dos cultivos.

Monitorar as previsões e as condições do ambiente durante a safra é fundamental. Variabilidades regionais podem acontecer, tornando o ambiente de produção mais ou menos favorável.

Ao escolher a cultivar que vai ser utilizada, estamos definindo, direta ou indiretamente, a época de semeadura, a quantidade de sementes e de adubo, o manejo fitossanitário necessário, a destinação do produto a ser gerado, entre outros.

Existem cultivares de diferentes obtentores que apresentam desempenhos diferentes em anos de El Niño e La Niña. Por isso é importante considerar as diferenças observadas entre as cultivares em cada ano e nos diversos locais de cultivo. Um exemplo disso é o resultado do Ensaio Estadual de Cultivares de Trigo (EECT) realizado anualmente, em vários locais do Sul do Brasil, com as 30 cultivares com mais cultivadas ou com lançamento recente. Na Figura 3 verifica-se a variabilidade interanual do rendimento de grãos dessas cultivares (que não difere do comportamento observados em lavouras comerciais) em anos com fases ENOS distintas. Também, é possível observar que a diferença entre a escolha da melhor ou da pior cultivar em cada ano, pode superar os 800 kg/ha (13,3 sacas/ha) e chegar, em determinados anos, a 1.389 kg/ha (23,1 sacas/ha), indicando a possibilidade de maximização do rendimento de grãos nas lavouras somente pela escolha da genética mais apropriada para cada situação.

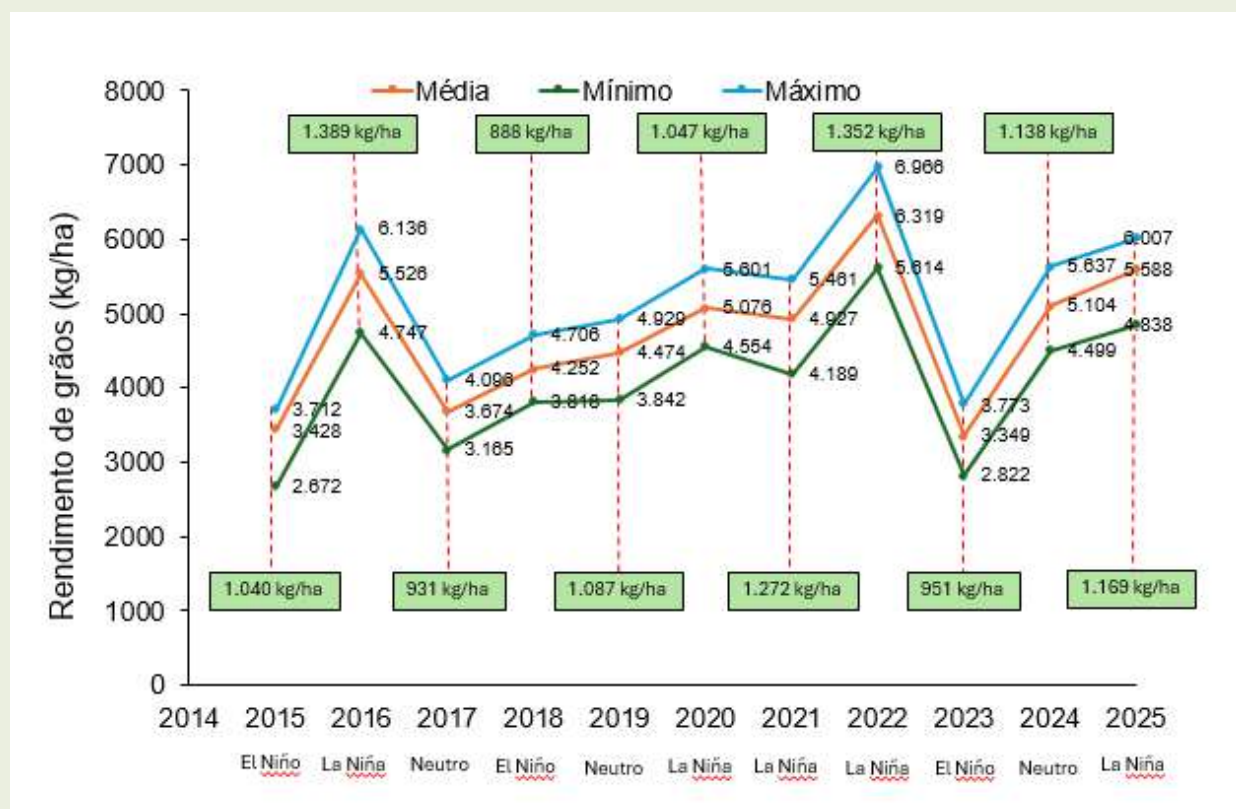


Figura 3. Variação na resposta produtiva de 30 cultivares de trigo em anos de La Niña e El Niño. Fonte: Ensaio Estadual de Cultivares de Trigo (2026). Nas caixas em verde está a diferença entre o máximo e mínimo desempenho das cultivares em cada ano.

Além da eficiência produtiva proveniente de várias características, deve-se considerar as resistências/suscetibilidades de cada cultivar as principais doenças (informações disponíveis em: <https://www.reuniaodetrigo.com.br/pagina/283/informacoes-tecnicas/>), pois a maior ou menor resistência das cultivares a determinadas doenças, além de estar relacionada com a estratégia de proteção de plantas (com reflexo no número de aplicações e logística de produção), pode impactar nos custos de produção e na rentabilidade da lavoura.

A safra 2023 foi peculiar. Merecendo destaque a ocorrência, em nível significativo, em alguns locais, de uma doença pouco comum na Região Sul do Brasil denominada brusone. As condições ambientais, especialmente de temperaturas mais elevadas, permitiram que essa doença de espiga, que é mais

frequente na região tropical, atingisse também as lavouras do RS, SC e PR. Portanto, ainda que seja prematuro afirmar que teremos uma nova ocorrência de brusone em níveis de dano econômico, a área técnica precisa ficar atenta, caso necessário, para lançar mão das melhores tecnologias para enfrentamento dessa doença, que, frise-se, não é comum, em nível epidêmico, nas regiões temperadas.

O manejo fitossanitário deve prever a utilização de várias ferramentas para minimizar riscos, como resistência genética das cultivares, escalonamento de épocas de semeadura, monitoramento das lavouras, controle químico, entre outros. A estratégia de somente pensar em aumentar o número de aplicações/número de produtos, pode ser enganosa, pois na maior parte dos casos, aumenta o custo de produção e não protege o rendimento de grãos em magnitude que compense o

aumento de custos. Isso ocorre em função de outros fatores ambientais (quociente fototer-mal, entre outros), que não os relacionados a pragas e doenças, que podem estar limitando o teto produtivo em anos de El Niño.

Um exemplo de como as condições ambientais desfavoráveis se refletem no impacto de práticas de manejo sobre o desempenho da cultura e na relação custo/be-nefício pode ser visualizado na Figura 4, em que a mesma cultivar, no mesmo local, cultiva-da na mesma época e com mesmo manejo, teve comportamento produtivo bastante dife-rente em resposta a aplicação de nitrogênio em ano de El Niño ou de La Niña. As restrições do ano de 2015 proporcionaram rendimento de 3.232 kg/ha com a dose máxima utilizada. E, no

ano de 2026, com essa mesma dose, foi possí-vel produzir 75% mais grãos do que 2015. Outro indicativo importante é que no ano de maior restrição ambiental, doses mais baixas de N podem ser suficientes para a obtenção dos maiores rendimentos. No caso real apre-sentado, em 2015 a dose de 85 kg/ha de N em cobertura foi suficiente para obtenção do rendimento de grãos máximo, tendo cada kg de N a mais somente aumentado o custo de produção, sem qualquer impacto no desem-penho produtivo da cultura. Esse tipo de infor-mação tem potencial para auxiliar na tomada de decisão no planejamento da lavoura em anos que se configuram como climaticamente distintos.

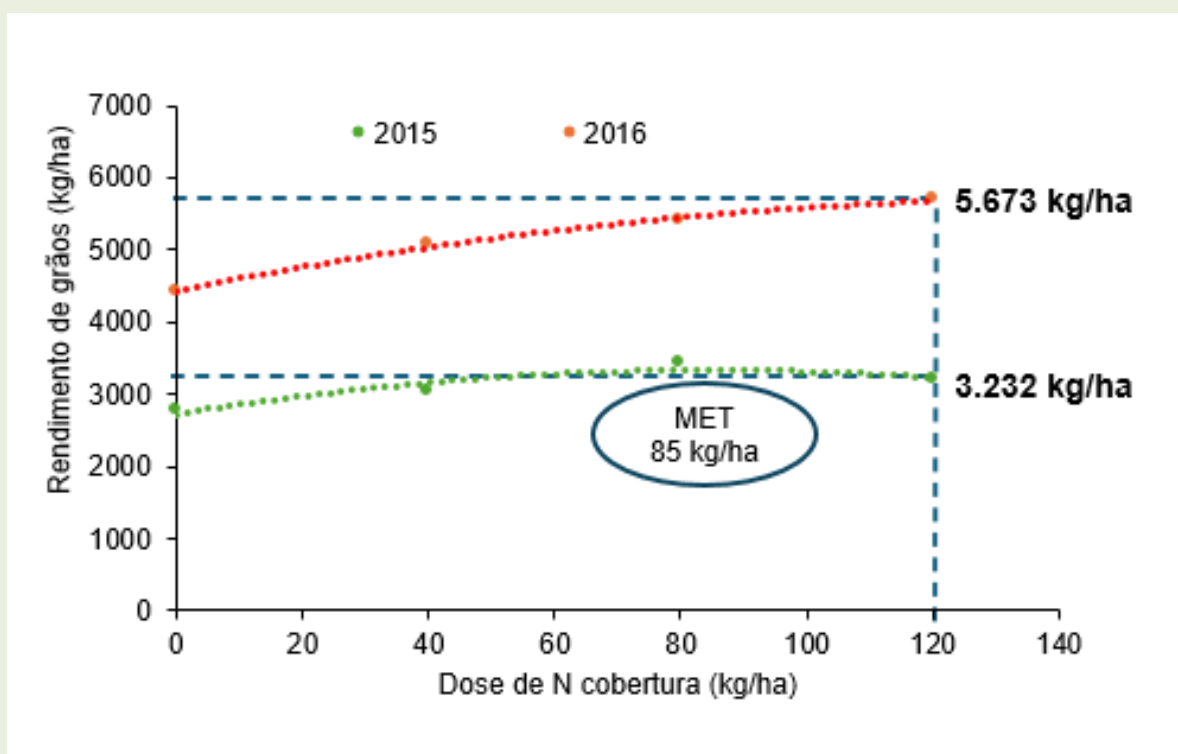


Figura 4. Resposta do trigo ao aumento da dose de nitrogênio em cobertura em um ano de El Niño (2015) e de La Niña (2016). Obs. Mesma cultivar, local, rotação, época de semeadura, adubação e manejo fitossanitário. MET = dose de máxima eficiência técnica.

Do ponto de vista agronômico, algumas boas práticas de manejo podem ser indicadas para maximizar o desempenho, minimizar riscos e melhorar a relação custo x benefício em anos com restrições econômicas e climáticas, a exemplo de 2026:

- **Monitorar as previsões** e os impactos dos fenômenos ENOS, antes e no decorrer da safra;

- **Evitar fazer investimento** com o propósito de bater recordes de rendimento de grãos histórico da área;

- **Realizar o investimento** em insumos baseado no potencial de rendimento de grãos permitido pelo ambiente (local e ano), ou seja, levar em consideração que a oferta ambiental em anos de El Niño é menor do que em anos de La Niña;

- **Adotar cultivares** com maior resistência genética a doenças, especialmente a manchas foliares, ao mosaico comum e doenças de espiga (giberela e brusone);

- **Utilizar cultivares** com maior tolerância a germinação pré-colheita, em associação com a colheita o mais breve possível quando da maturação do trigo;

- **Usar cultura** intercalar na janela outonal, como estratégia para cobertura do solo e reciclagem de nutrientes, reduzindo a dose de N (dependendo da espécie utilizada) necessária para obter o mesmo rendimento de grãos de trigo;

- **Fazer rotação de culturas**, semeando trigo em áreas que não receberam trigo, triticle, cevada ou centeio no inverno passado, permitindo, entre outras coisas, a redução de manchas foliares e podridões radiculares;

- **Avaliar a possibilidade** de redução pontual na adubação de semeadura (especialmente P e K) em função do “estoque” no solo. Para isso é fundamental a análise de solo e a observação de parâmetros técnicos (consultar a assistência técnica);

- **Escalonar a época de semeadura** (com uso da combinação de diferentes cultivares e épocas) respeitando o Zoneamento Agrícola de Riscos Climáticos (ZARC);

- **Fazer o parcelamento da adubação** nitrogenada em cobertura quando utilizar doses elevadas, para reduzir o risco de perdas por lixiviação;

- **Adotar estratégia** racional de controle químico que observe as necessidades de cada cultivar, com monitoramento da lavoura e aplicações quando necessárias, evitando o uso de calendários de aplicação pré-definidos;

- **Monitorar o teor de micotoxinas** nos grãos, com utilização de medidas para evitar/mitigar o problema e fazer destinação para uso final de acordo com a legislação vigente;

- **Monitorar as condições meteorológicas** de curto prazo (maior nível de acerto) para realização de práticas de manejo como aplicação de N, controle fitossanitário e colheita;

- **Aderir a programas** públicos ou privados de seguridade rural;

Algumas informações específicas sobre prognóstico do fenômeno ENOS e as estratégias e práticas de manejo de cultivos citadas podem ser obtidas em:

- **Climate Prediction Center** –Previsões de ENOS:

https://www.cpc.ncep.noaa.gov/products/analysis_monitoring/ensoadvisory/ensodisc.shtml

- **Informações Técnicas para Trigo e Triticale** – Características das cultivares e demais práticas de manejo:

<https://www.reuniaodetrigo.com.br/pagina/283/informacoes-tecnicas/>

- **Caracterização de cultivares para giberela:**

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1184502/1/BPD-135-online-CGPE.pdf>

- **Ensaio Cooperativos para avaliação de fungicidas para controle de giberela**

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1178077/1/boletim-pesquisa-desenvolvimento-131-Anderson-giberela-v27.pdf>

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1174974/1/BPD-130-online.pdf>

- **Ensaio Cooperativos para avaliação de fungicidas para controle de brusone**

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1174974/1/BPD-130-online.pdf>

Referências

CONAB. **Séries históricas das safras**. Acesso em: 23 abr. 2026. Disponível em:

<<https://www.gov.br/conab/pt-br/atualizacao/informacoes-agropecuarias/safras/series-historicas/graos/trigo/trigo-seriehist.xls/view>>.



VEM AÍ!

20° ENCONTRO NACIONAL DO SISTEMA PLANTIO DIRETO

3º Encontro Mundial do Sistema Plantio Direto

07 A 09 DE JULHO DE 2026

Centro de Convenções Ulysses Guimarães | Brasília-DF

SISTEMA PLANTIO DIRETO
BASE PARA A AGRICULTURA
REGENERATIVA

REALIZAÇÃO:



AS INSCRIÇÕES ESTÃO ABERTAS

**ACESSE O SITE, VEJA A
PROGRAMAÇÃO COM IMPORTANTES
TEMAS E RENOMADOS PALESTRANTES.**

PARTICIPE!

**ACESSE O SITE E FAÇA
A SUA INSCRIÇÃO**



CO-PROMOTORES





**XXI JORNADA NESPRO &
II CONGRESSO DE CRIADORES**



**INSTITUTO
DESENVOLVE
PECUÁRIA**



24 & 25 DE JUNHO DE 2026



**BARRA SHOPPING SUL
PORTO ALEGRE / RS**



**8h30
17h30**

INSCREVA-SE



Mercado de bovinos de corte ganha força em maio no Rio Grande do Sul

Mariana Diniz¹, Helena Fagundes², Pedro Lacroix³, Mariana Ança⁴, Júlio Barcellos⁵

¹Zoot. Msc. doutoranda no PPG Zootecnia, NESPro/UFRGS; ²Med.Vet. Mestranda no PPG Zootecnia, NESPro/UFRGS;

³Graduando em Zootecnia, NESPro/UFRGS; ⁴Graduanda em Estatística, NESPro/UFRGS; ⁵Med.Vet., Professor, Coordenador NESPro/UFRGS

O mês de maio foi marcado pela recuperação dos preços do gado gordo no Rio Grande do Sul. A menor disponibilidade de animais terminados, característica do período de transição para a entressafra, contribuiu para a valorização das cotações ao longo do mês. Apesar da influência exercida pelo mercado do Brasil Central sobre os preços locais, a oferta mais restrita no estado predominou na formação dos preços. Como resultado, a média do boi gordo até o dia 20 de maio ficou 5,9% acima da média observada em abril. Na reposição, o encerramento das feiras de terneiros e o retorno dos leilões de gado geral aumentaram a oferta de animais no mercado, resultando em ajustes pontuais nos preços ao

longo do mês. Ainda assim, a média do terneiro até o dia 20 de maio apresentou valorização de 3,7% em relação à média de abril, indicando que a demanda permaneceu suficiente para absorver a oferta disponibilizada no período. A trajetória dos preços apresentada no Gráfico 1 evidencia que, desde o segundo semestre de 2025, o terneiro acumulou valorização superior à observada para o boi gordo, ampliando o diferencial de preços entre as duas categorias. Esse comportamento reforça a manutenção de um ágio elevado da reposição em relação ao animal terminado, refletindo a oferta relativamente restrita de animais jovens e a expectativa positiva dos produtores quanto ao mercado futuro.

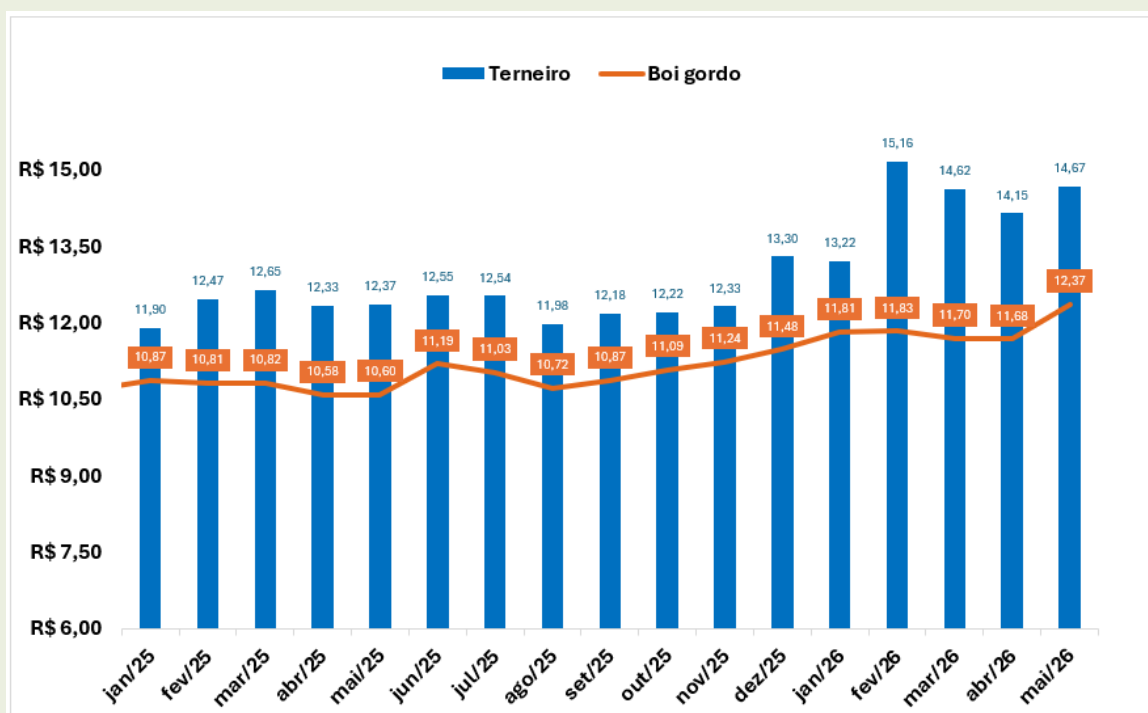


Gráfico 1. Variação dos preços do boi gordo e do terneiro em R\$/kg de peso vivo no Rio Grande do Sul, de janeiro de 2025 a 20 de maio de 2026. Fonte: NESPRO.

O cenário externo também segue sendo acompanhado com atenção pelo setor. Além da expectativa de menor disponibilidade de carne bovina no mercado internacional ao longo do ano, discussões recentes envolvendo novas exigências da União Europeia voltaram a trazer o tema da rastreabilidade para o centro do debate. Esse movimento reforça uma tendência que já vinha sendo observada nos últimos anos: mercados compradores cada vez mais atentos à origem, aos sistemas de produção e às exigências sanitárias relacionadas à carne bovina.

O comportamento observado em maio pode representar o início do movimento projetado para os próximos meses. Conforme apresentado no Gráfico 2, a expectativa para 2026 é de continuidade da valorização do boi gordo ao longo da entressafra, sustentada pela menor disponibilidade de animais terminados. Dessa forma, o avanço da oferta de pastagens de inverno e o ritmo de entrada dos animais no mercado serão fatores importantes para determinar a intensidade desse movimento ao longo do ano.



Gráfico 2. Projeção mensal do preço do boi gordo (R\$/kg de peso vivo) no Rio Grande do Sul para 2026.

Obs. Em vermelho, preços observados em 2026; em azul, preços projetados para 2026.

Fonte: NESPro/UFRGS. Elaboração Prof. Dr. Júlio Otávio Jardim Barcellos.





13 a 16 de julho de 2026
Porto Alegre (RS)

Submissão de trabalhos
até 16 de janeiro de 2026

Clique Aqui!

**Abertura das inscrições
em breve!**



<https://www.ispag.org/Events/ICPA>

Pesos alvos na recria

Leonardo Saalfeld¹ & Júlio Barcellos²

¹Médico Veterinário, Mestrando em Zootecnia - NESPro/UFRGS;

²Med.Vet., Professor, Coordenador NESPro/UFRGS

A pecuária de corte possui grande importância para o Brasil, visto que o país se consolidou como o maior produtor e exportador mundial de carne bovina, com uma cadeia produtiva que envolve diversos segmentos, especialmente o dentro da porteira onde ocorre a cria, recria e a terminação. Entre as diferentes fases do ciclo produtivo, a recria corresponde à fase posterior ao desmame, na qual o animal deixa de depender da vaca e passa a ser manejado com o objetivo de atingir determinado peso ou desenvolvimento corpo-

ral para ingressar na reprodução ou engorda. Este é um período de elevado potencial de crescimento e de grande eficiência biológica, pois ocorre em um momento em que o animal ainda apresenta menor exigência de manutenção, maior capacidade de deposição de tecido muscular e menor deposição relativa de gordura quando comparado à terminação. Dessa forma, o manejo nutricional nesse período é decisivo para que o lote atinja os pesos-alvo definidos para o acasalamento ou para a entrada na terminação.

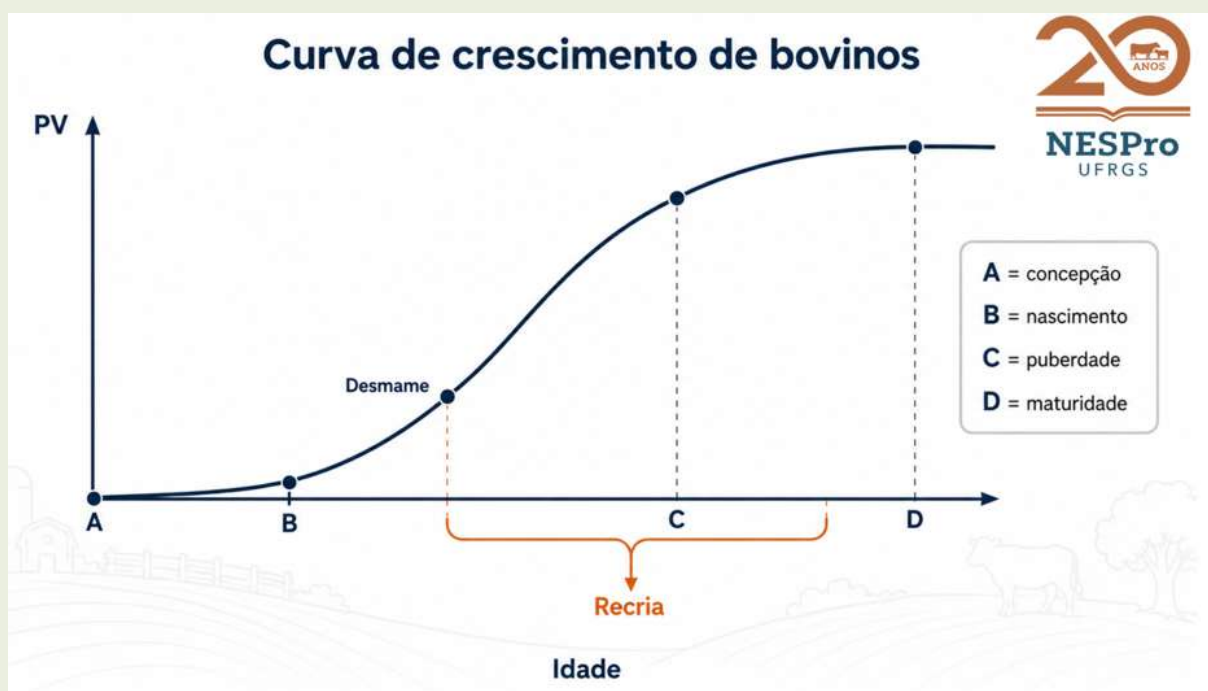


Figura 1. Curva de crescimento de bovinos.

Pesos-alvo na recria de fêmeas de reposição:

De forma prática, considera-se que uma novilha de corte deve atingir em torno de 65% do peso adulto para ser acasalada com maior segurança e probabilidade de prenhez. Isso significa que, quanto maior for o peso adulto das vacas do rebanho, maior também será o peso-alvo das novilhas no início da estação de

monta. Por exemplo, em um rebanho com vacas adultas de aproximadamente 470 kg, 65% desse peso corresponde a cerca de 305 kg. Em rebanhos com vacas adultas de 500 kg, o alvo sobe para aproximadamente 325 kg.

Nas fêmeas de reposição, a recria deve ser planejada de acordo com a idade em que a propriedade deseja realizar o primeiro acasala-

mento - 14, 18 ou 24 meses. Esse planejamento é fundamental porque a novilha precisa chegar à estação de monta com desenvolvimento corporal suficiente para atingir a puberdade, ciclar regularmente, conceber e manter a gestação sem comprometer seu crescimento futuro. Por isso, o peso ao acasalamento não deve ser definido de forma isolada, mas sim como uma proporção do peso adulto das matrizes do rebanho. Dessa forma, o sistema de recria pode variar de acordo com o objetivo da propriedade:

14 meses: O acasalamento aos 14 meses é o sistema mais exigente. Nesse caso, a novilha tem pouco tempo entre o desmame e o início da estação de monta. Por isso, o peso ao desmame precisa ser elevado e o ganho de peso durante a recria deve ser constante. Em geral, para acasalar aos 14 meses, a novilha deve ser desmamada com peso próximo de 180 a 220 kg, dependendo do peso adulto esperado das matrizes. Se o peso-alvo ao acasalamento for de 300 kg, uma novilha desmamada com 180 kg precisa ganhar cerca de 120 kg até a estação de monta. Se houver aproximadamente 180 a 210 dias disponíveis, isso representa um ganho médio diário ao redor de 0,570 a 0,670 kg/dia.

18 meses: O acasalamento aos 18 meses pode ser considerado um sistema intermediário, de modo que permite maior tempo de recria em comparação ao acasalamento aos 14 meses, reduzindo a pressão sobre o ganho médio diário. Nesse caso, o peso ao desmame pode ser um pouco mais flexível, geralmente entre 160 e 200 kg, desde que o sistema consiga garantir bom ganho na recria. Para uma novilha com peso-alvo de 300 kg ao acasalamento, um desmame com 160 kg exige ganho total de 140 kg até a estação de monta. Como há mais tempo disponível, o ganho diário necessário pode ser menor do que no sistema de 14 meses.

24 meses: O acasalamento aos 24 meses é o sistema mais tradicional e menos exigente em ganho diário após o desmame. Como existe um período maior entre o desmame e o início da vida reprodutiva, a propriedade pode trabalhar com uma recria mais longa e, em alguns casos, menos intensiva. Para acasalamento aos 24 meses, pesos ao desmame entre 140 e 180 kg podem ser trabalhados, desde que o manejo posterior permita que a novilha alcance aproximadamente 65% do peso adulto até a estação de monta.

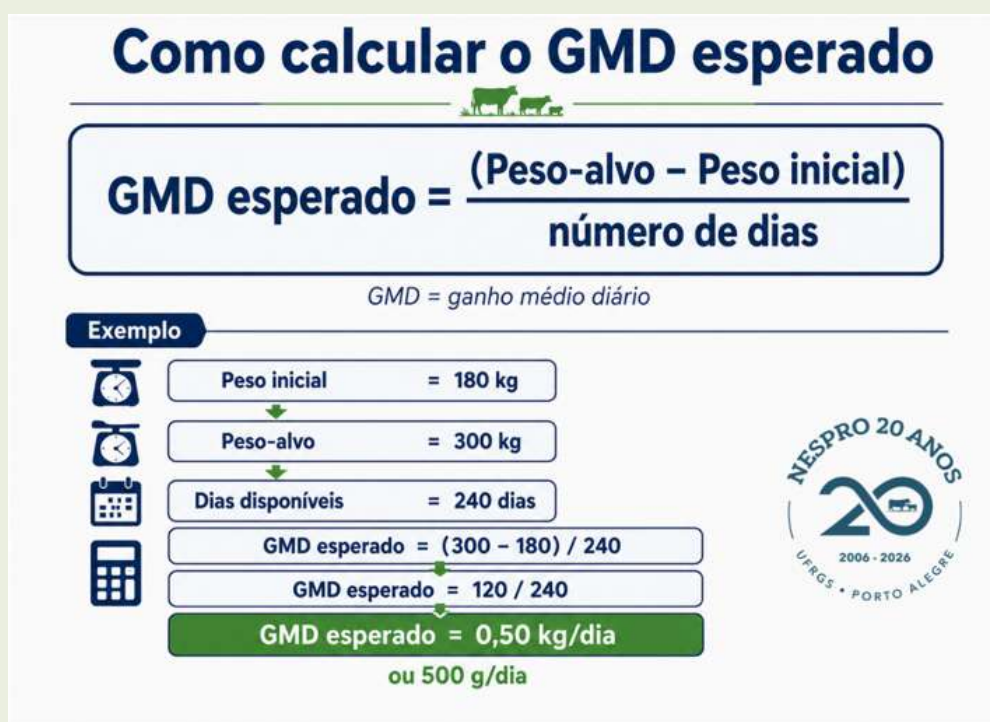


Figura 2. Como calcular o ganho médio diário esperado.

Quanto mais leve a novilha for desmamada, maior será o ganho que ela precisará apresentar no pós-desmame para atingir o mesmo peso-alvo. Em sistemas de acasalamento precoce, como aos 14 meses, isso é ainda mais importante, porque o tempo disponível é curto. Já em sistemas aos 18 ou 24 meses, existe maior possibilidade de ajustar o crescimento ao longo do tempo. Quanto mais cedo a novilha precisa ser acasalada, maior deve ser seu peso ao desmame e maior preci-

sa ser seu ganho médio diário no pós-desmame. Assim, trabalhar com pesos-alvo permite transformar a recria em uma fase planejada. Em vez de apenas observar se as novilhas “cresceram bem”, o produtor passa a acompanhar se elas estão no ritmo necessário para atingir o objetivo reprodutivo do sistema. Isso melhora a previsibilidade da estação de monta, reduz o risco de falhas reprodutivas e contribui para maior eficiência do rebanho de cria.

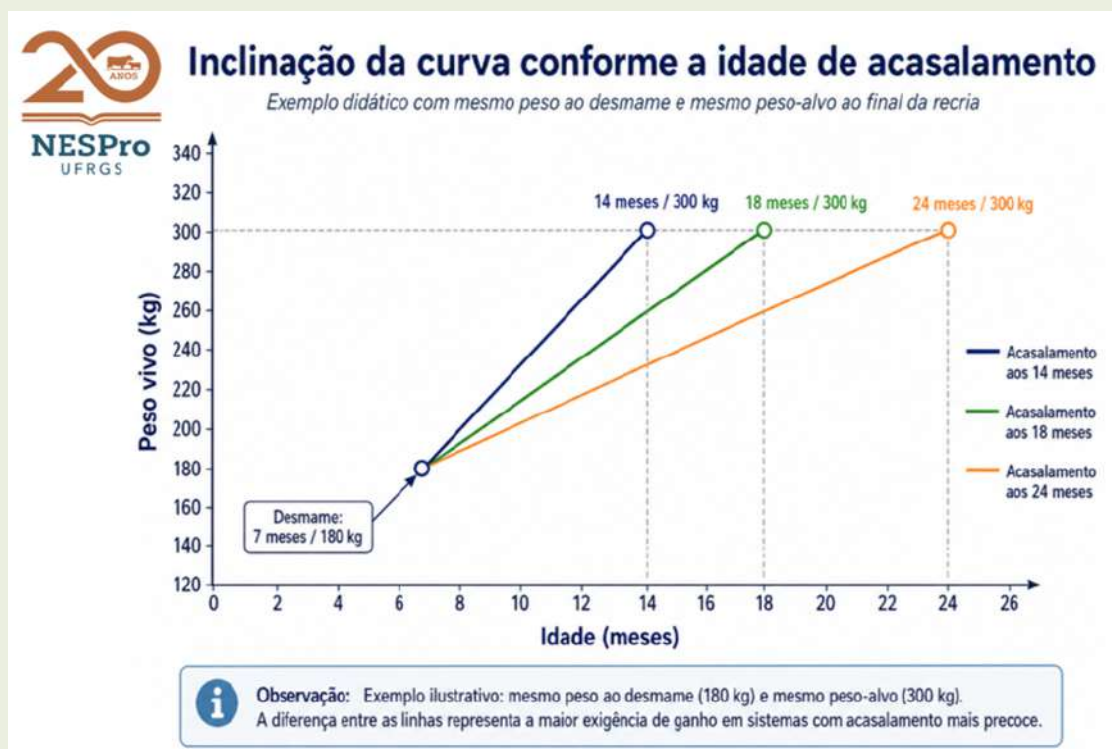


Figura 3. Inclinação da curva de crescimento conforme a idade de acasalamento.

Pesos-alvo na recria para sistemas de abate:

Nos animais destinados à engorda, a recria deve ser planejada de acordo com a idade desejada ao abate e com o peso final estabelecido pelo mercado. Assim como ocorre com as fêmeas de reposição, não existe um único peso ideal para todos os sistemas. O peso-alvo ao desmame, o ganho médio diário na recria e o peso de entrada na terminação dependem do nível de intensificação da propriedade. Em sistemas de abate aos 12–14 meses, o bezerro precisa ser desmamado pesado e apresentar alto ganho após o desmame. Já em sistemas de abate aos 18–24

meses, há mais tempo para recria, permitindo um desempenho intermediário. Em sistemas de abate mais tardio, como ao redor de 36 meses, a exigência de ganho diário é menor, mas o animal permanece mais tempo ocupando área e consumindo recursos.

O abate aos 12–14 meses representa um sistema superprecoce e de alta exigência. Nesse caso, a recria é curta e, muitas vezes, o animal passa rapidamente do desmame para uma fase de terminação intensiva. Para esse sistema, o peso ao desmame esperado geralmente fica entre 200 e 240 kg, podendo ser ainda maior em sistemas muito intensivos.

Considerando um peso de abate entre 430 e 500 kg, o animal precisa apresentar alto ganho médio diário desde o desmame até o abate. Nesse modelo, a recria precisa ser muito bem conduzida, com pastagens de alta qualidade, suplementação intensiva ou confinamento, a fim de manter crescimento acelerado, pois qualquer redução no ganho diário pode comprometer o peso e o acabamento no momento do abate.

O sistema de abate aos 18–24 meses é intermediário e bastante utilizado em propriedades que buscam equilíbrio entre desempenho animal, custo de alimentação e idade de venda. O peso ao desmame pode ficar entre 170 e 220 kg, dependendo da genética, sexo, manejo da cria e época de nascimento. O objetivo da recria é fazer com que o animal chegue à entrada da terminação com aproximadamente 300 a 380 kg, permitindo que a fase final seja mais curta e eficiente.

O abate ao redor de 36 meses representa um sistema mais longo e menos intensi-

vo. Nesse caso, o animal pode ser desmamado com peso mais moderado e ainda ter tempo para atingir o peso de abate. Nesse modelo, pesos ao desmame entre 150 e 190 kg podem ser trabalhados, desde que o animal mantenha desenvolvimento adequado durante a recria. O peso de entrada na terminação pode variar bastante, mas geralmente fica entre 330 e 420 kg, dependendo se a terminação será a pasto, em semiconfinamento ou em confinamento.

O peso ao desmame é o ponto de partida para definir a intensidade da recria. Quanto mais cedo se deseja abater, maior precisa ser o peso inicial do bezerro e maior o ganho médio diário necessário após o desmame. Portanto, os pesos-alvo na recria para sistemas de abate devem ser definidos a partir da pergunta: com que idade eu quero vender esse animal terminado? A partir dessa resposta, o produtor pode estimar o peso necessário ao desmame, o ganho médio diário esperado na recria e o peso de entrada na terminação.

Relação entre peso ao desmame, recria e idade de abate			
Objetivo de abate	Peso ao desmame desejável	Intensidade da recria	GMD esperado na recria
12–14 meses	200–240 kg	Muito alta	0,9–1,2 kg/dia
18–24 meses	170–220 kg	Intermediária	0,5–0,8 kg/dia
Até 36 meses	150–190 kg	Moderada	0,4–0,6 kg/dia

Figura 4. Relação entre peso ao desmame, recria e idade ao abate.

A definição de pesos-alvo na recria permite alinhar o crescimento dos animais aos objetivos do sistema produtivo. Seja para aca-salamento de novilhas aos 14, 18 ou 24 meses,

seja para abate em diferentes idades, o peso ao desmame representa o ponto de partida, enquanto o peso-alvo indica onde o lote preci-sa chegar. Quanto mais precoce for o objetivo,

maior será a exigência de ganho médio diário e mais intensivo deverá ser o manejo da recria. Por outro lado, sistemas mais tardios reduzem a pressão sobre o desempenho diário, mas aumentam o tempo de permanência dos animais na propriedade.

Portanto, a recria deve ser entendida

como uma fase estratégica, e não apenas como uma etapa intermediária. O uso de pesos-alvo facilita o planejamento nutricional, melhora a previsibilidade dos resultados e contribui para sistemas de produção mais eficientes, ajustados à realidade e aos objetivos de cada propriedade.

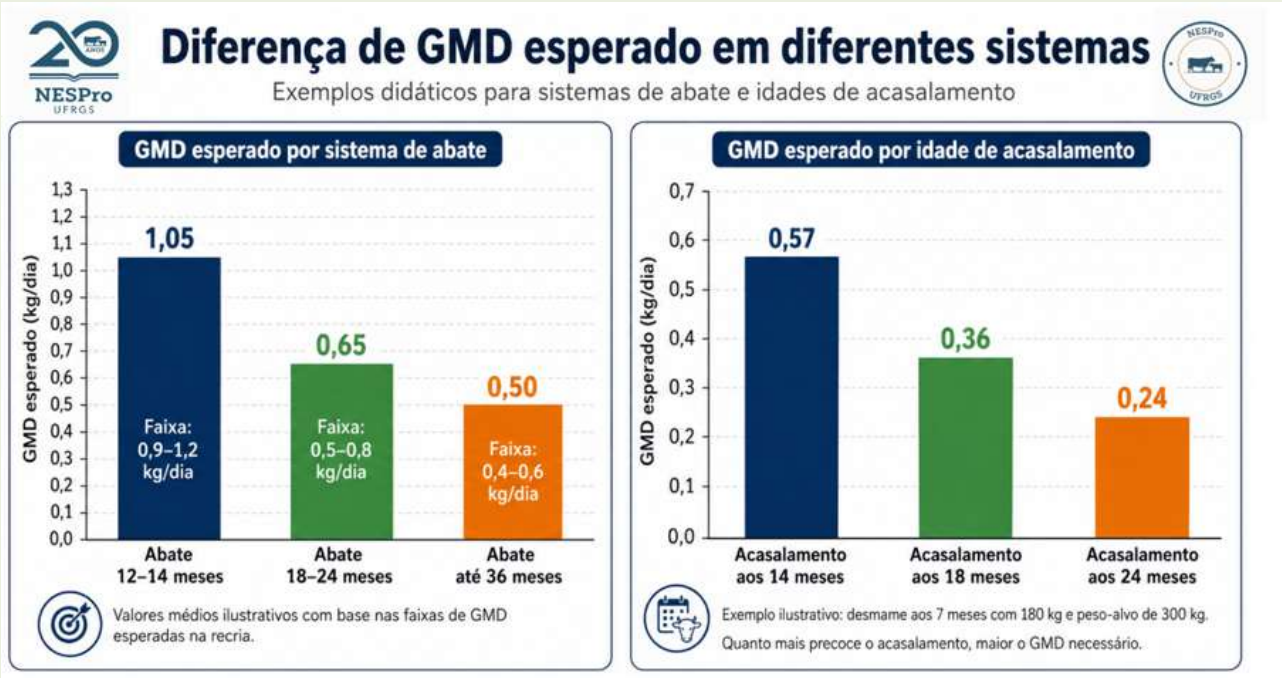
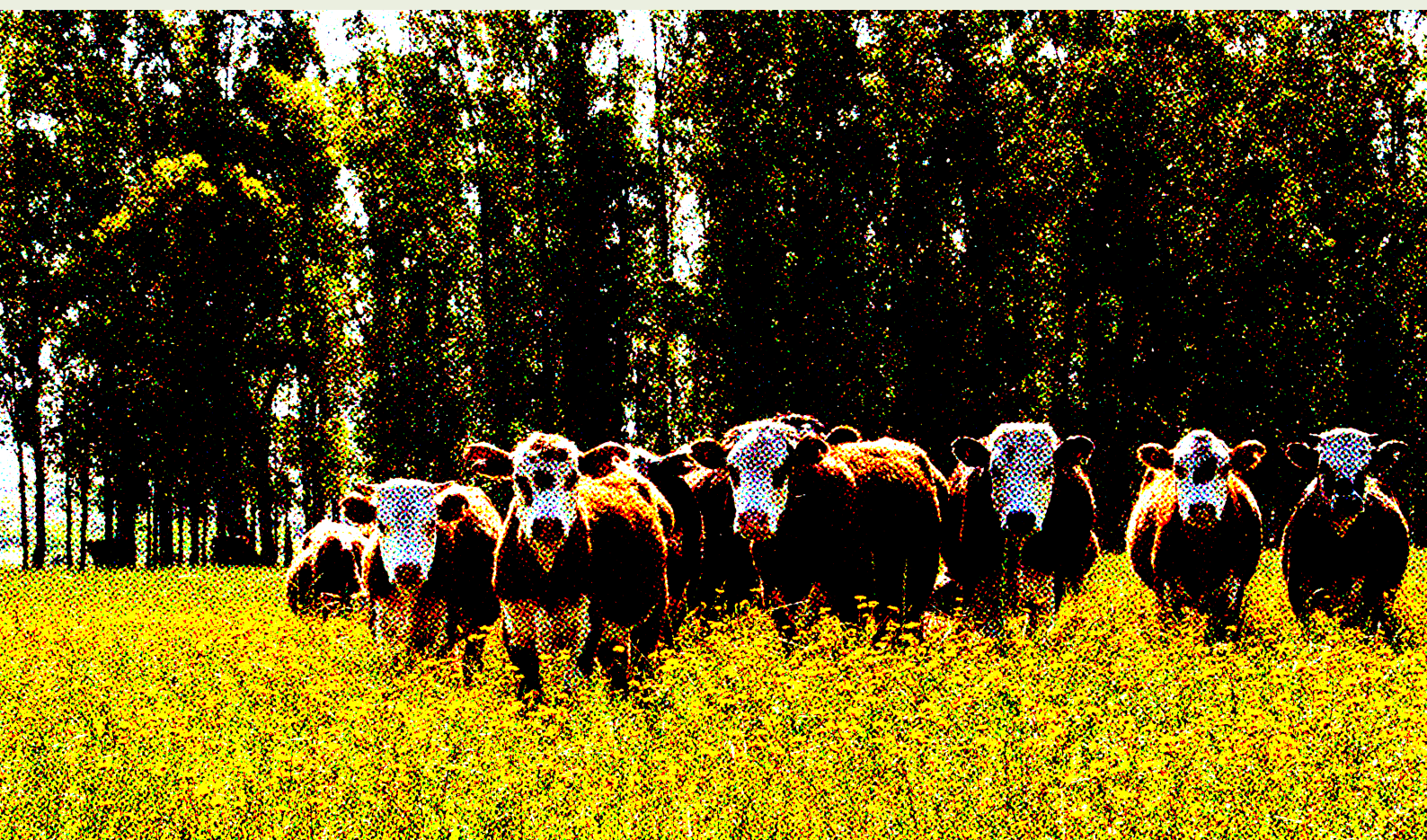


Figura 5. Diferença de ganho médio diário esperado em diferentes sistemas.



SAVE THE DATE

03 A 06 DE AGOSTO DE 2026

📍 RAFAEL PALACE HOTEL & CONVENTION - FOZ DO IGUAÇU/PR



XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA CIÊNCIA DAS PLANTAS DANINHAS

PROMOÇÃO



REALIZAÇÃO



Evolução da safra agrícola 2025/2026

Levantamento de maio de 2026

Felipe Baudini da Silva¹

¹Estudante de agronomia - UFRGS.

O mês de maio de 2026 teve um regime de chuvas heterogêneo no Brasil, com forte contraste regional. Enquanto que no norte e no litoral nordestino o volume de chuva foi elevado, o centro-oeste, sudeste e interior do nordeste enfrentaram a transição para a estação seca. Por isso, é possível observar que a umidade na zona radicular está baixa em grande parte do território agrícola.

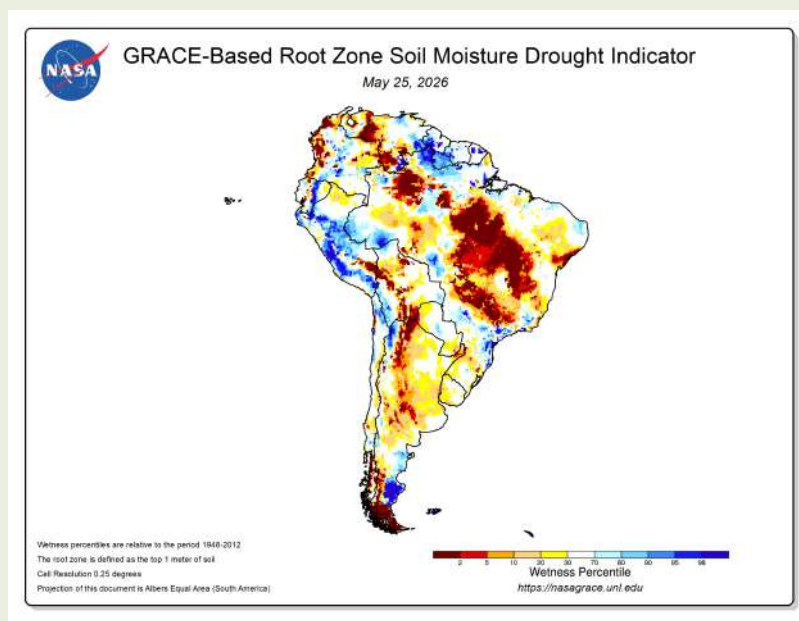


Figura 1. Úmidade na zona radicular. Grace NASA.

Em um panorama geral, a safra das culturas de verão chegou, ou está chegando perto da conclusão. O feijão 1ª safra fechou o mês de maio com 100% da área colhida, enquanto que a soja e o arroz se encaminham para a conclusão na primeira quinzena de junho. Já a colheita do milho 1ª safra passou de 60% para 80% da área colhida. Além disso, no fim do mês de maio, começou a colheita do algodão e do milho 2ª safra.

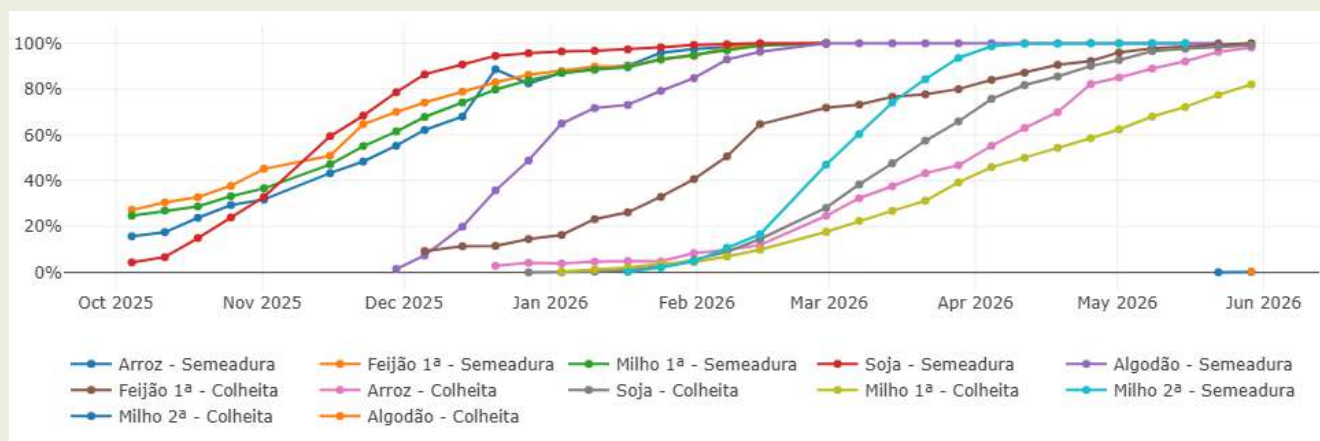


Figura 2. Evolução da semeadura das safras de algodão, arroz, feijão, milho e soja no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira do **trigo** atualmente está em processo de plantio, tendo já sido concluído em São Paulo e no Mato Grosso do Sul, em ritmo acelerado. Além disso, os estados de Minas Gerais, Goiás, Paraná e Bahia já semearam a maior parte de sua área agrícola. No sul, a semeadura começou há pouco tempo, porém em uma velocidade maior do que a média dos anos anteriores.

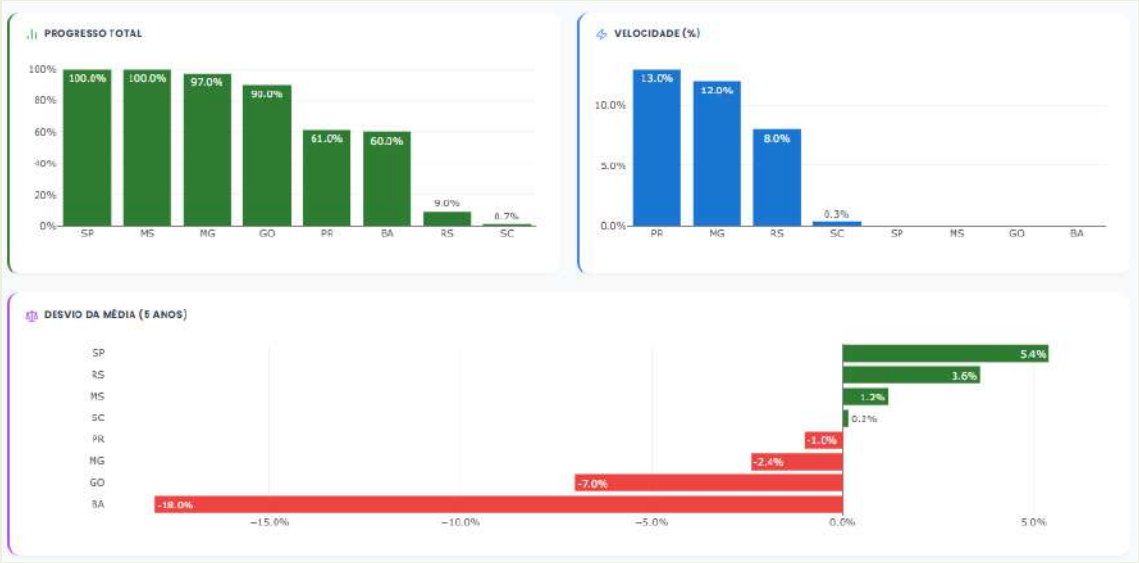


Figura 3. Evolução da semeadura de trigo no Brasil na safra 2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira do **algodão** entrou em processo de colheita por volta do dia (29) de maio, os estados da Bahia e do Mato Grosso do Sul lideram, com 2,0 e 1,0% da área colhida respectivamente. É possível observar que no centro-oeste, o andamento da safra está, de uma forma geral, atrasado em relação a média dos anos anteriores.

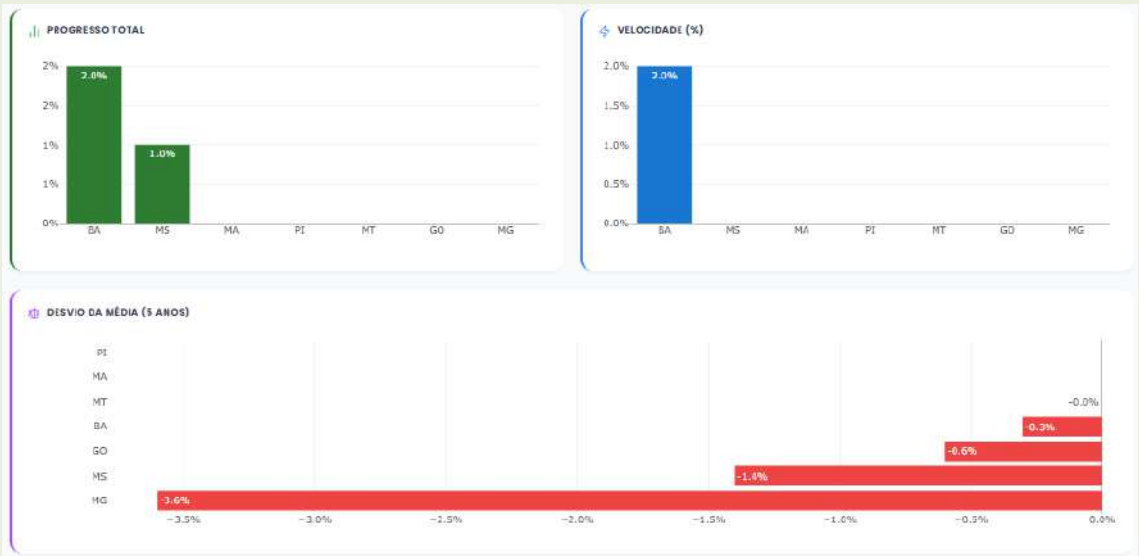


Figura 4. Evolução da colheita do algodão no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira do **arroz** está em pleno processo de colheita, tendo já sido concluída nos estados do Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em um ritmo superior quando comparado a média dos últimos 5 anos. Além disso, o estado do Maranhão fechou o mês de maio com quase 89% da área colhida.

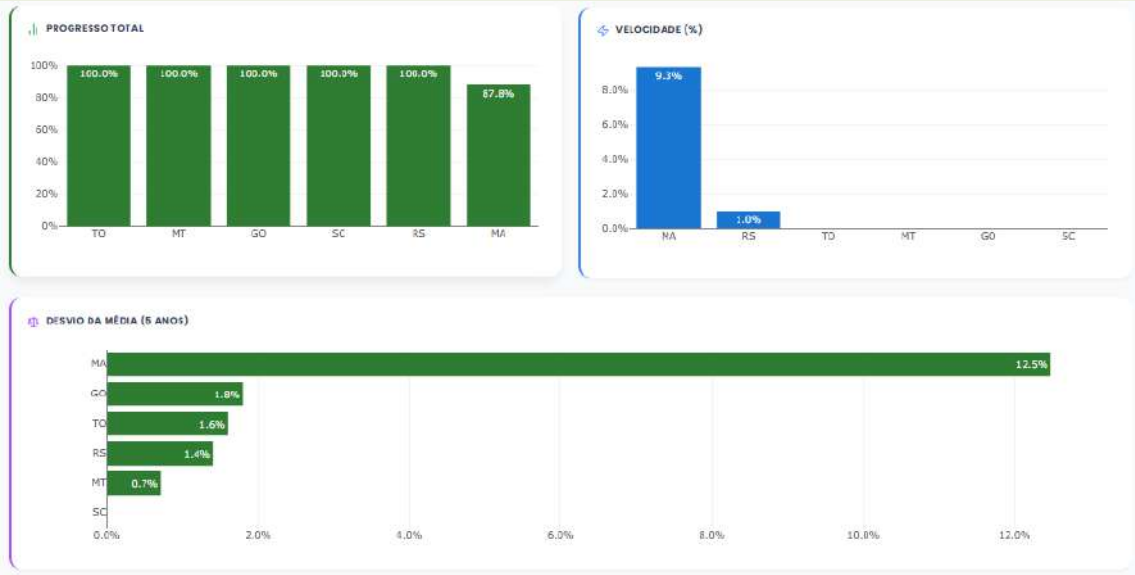


Figura 5. Evolução da colheita de arroz no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira do **milho 1ª safra** continua em processo de colheita. Os estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiania chegaram ao final do mês de maio com mais de 90% da área colhida, já se encaminhando para a conclusão na primeira quinzena de junho. Enquanto que, no norte e nordeste a safra tende a demorar um pouco mais, com destaque para o maranhão.

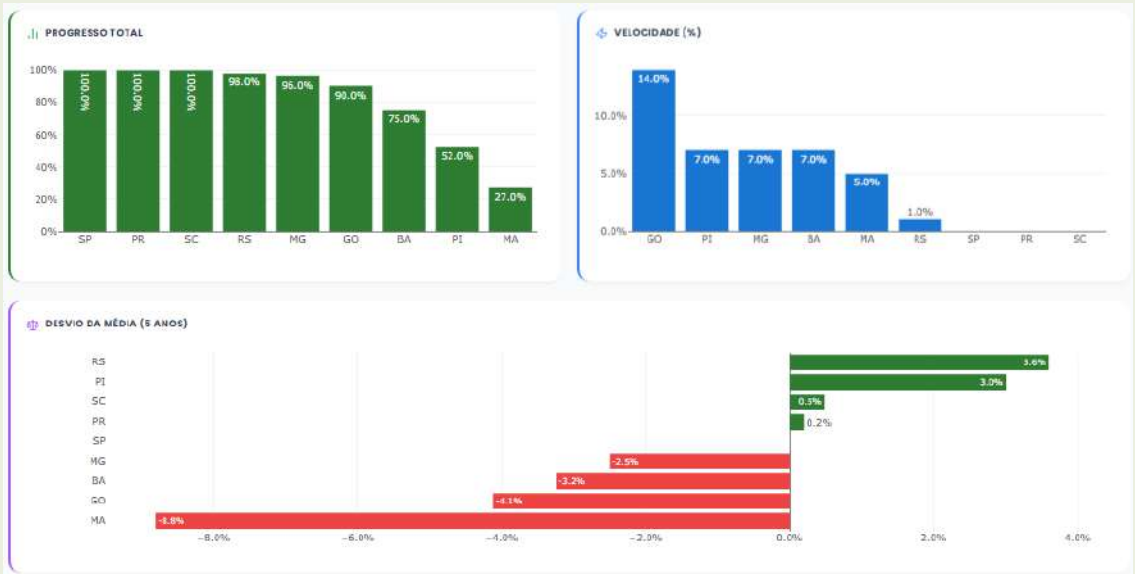


Figura 6. Evolução da colheita da 1ª safra de milho no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira do **milho 2ª safra** também entrou em processo de semeadura no fim do mês de maio, nos estados do Mato Grosso e no Tocantins. Nota-se que o plantio está atrasado em relação a média dos últimos 5 anos para os estados da região norte, sul e centro-oeste. Porém, no Tocantins o ritmo está mais acelerado.

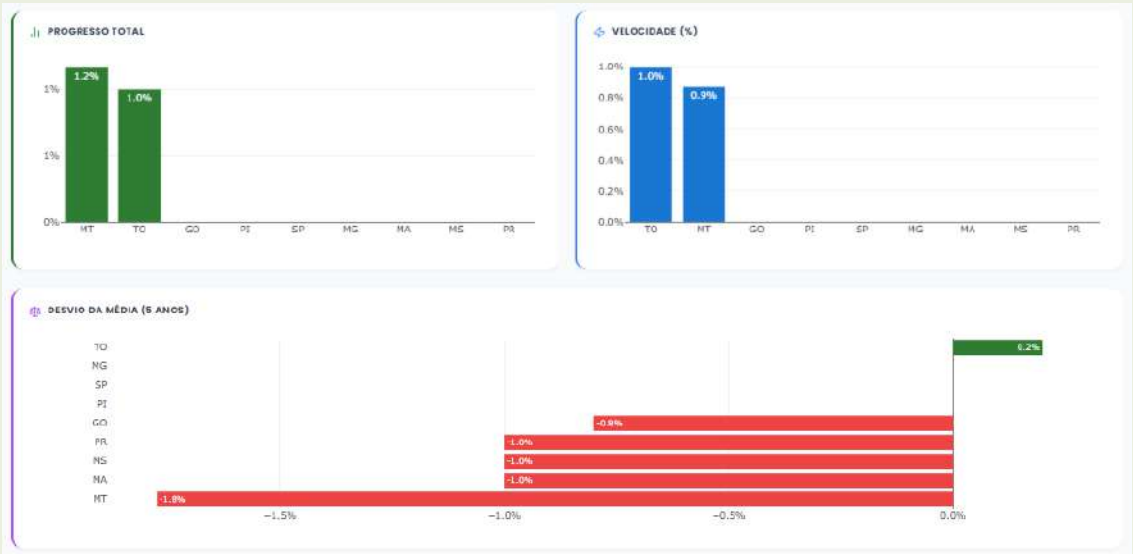


Figura 7. Evolução da semeadura da 2ª safra do milho no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.

A safra brasileira da **soja** atualmente está na etapa final da colheita em todas as regiões do país. O destaque da safra vai para o estado de São Paulo, que encerrou a colheita cerca de 20% mais rápido em relação a média dos anos anteriores. Por outro lado, o Maranhão fechou o mês com 90% da área colhida mas com atraso, considerando o histórico.

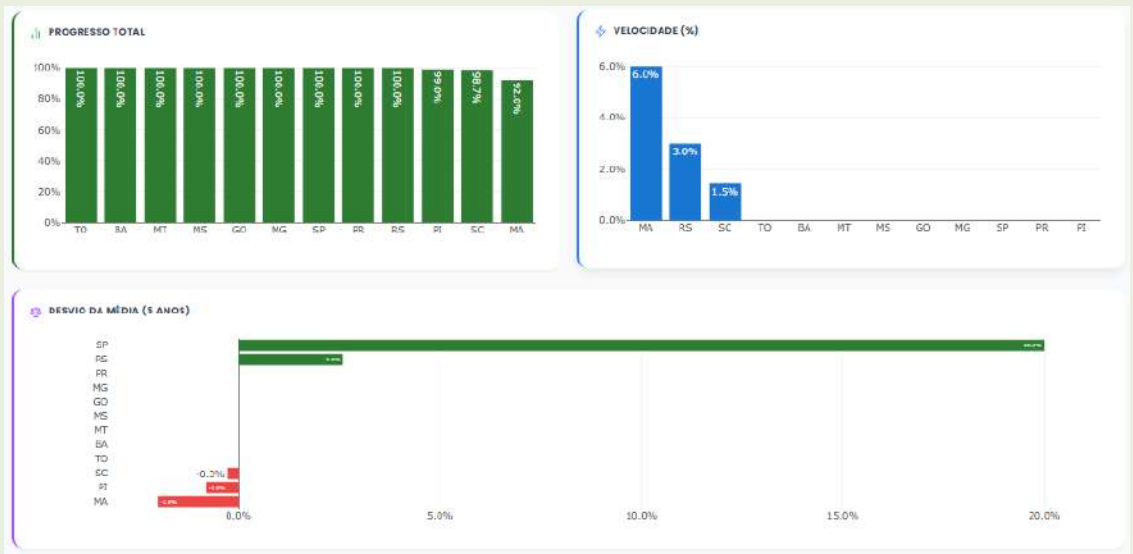


Figura 8. Evolução da colheita da soja no Brasil na safra 2025/2026 (dados de maio). Informações CONAB.



VIII CONGRESSO
BRASILEIRO DE
FITOSSANIDADE

CONBRAF

CAXIAS DO SUL

RIO GRANDE DO SUL

2, 3 E 4 DE SETEMBRO/2026



ATENÇÃO

**PRAZO DE SUBMISSÃO
PRORROGADO**

AGORA VOCÊ TEM ATÉ:

20 DE JUNHO

PARA ENVIAR SEU TRABALHO
AO **VIII CONBRAF**

Ainda dá tempo de participar!

conbraf.com.br/submissao/

REALIZAÇÃO:





LIV CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA

4 A 6 DE AGOSTO DE 2026 | FOZ DO IGUAÇU - PR

O MAIOR EVENTO DA ENGENHARIA AGRÍCOLA DO BRASIL

Grandes ideias nascem onde as forças se encontram.



SUBMETA SEU TRABALHO ATÉ: 10 DE MARÇO



Informações:

(16) 98118-8978

@sbea.conbea



Ano 4 | nº 5 | Maio de 2026 | ISSN 2965-6389

Boletim Agrônômico

